

Entrevista a Eusébio Pereira

[Informante 1 (EP):] – Grândola e Santiago do Cacém, os dois concelhos, foram os concelhos privilegiados de poetas populares. E isto vem da tradição. E vem de tradição até dos locais pujantes: o Carvalhal (que eu conhecia há oitenta anos, há mais...) tinha poetas populares de grande valor. E Grândola também e Santiago também e Santo André! Era. Eu até sei o nome de parte deles. Era amigo do Abel Carvalho...

[Informante 2 (PA):] – Do meu tio.

[Informante 1 (EP):] – Do Serafim da Abelheira...

[Informante 2 (PA):] – Era me' tio!

[Informante 1 (EP):] – Exactamente, que eu sei! Isso era...

[Informante 2 (PA):] – O Toino (...)

[Informante 1 (EP):] – O Abel Carvalho...

[Informante 2 (PA):] – Era me' tio.

[Informante 1 (EP):] – Foi um amigo meu...

[Informante 2 (PA):] – Foi quem me pôs o nome...

[Informante 1 (EP):] – O António Sarafim... Eu tenho uma história passada com o António Sarafim. O António Sarafim dizia que não queria dizer poesias sem o pai morrer, e não sei quê e tal, e eu – não sei se os senhores sabem que eu fui fazer tijolos três anos ao forno do Carvalhal, se calhar não têm conhecimento...

[Informante 3 (HLP):] – Eu. Eu tenho conhecimento.

[Informante 1 (EP):] – E atão...

[Informante 4:] – *Moramos todos lá ao pé*(?)...

[Informante 1 (EP):] – Uma vez, eu vinha dos fornos – vinha cá ao Carvalhal!

[Informante 4:] – Certo.

[Informante 1 (EP):] – E muito pouco depois... Ó'pois encontrámos em cima daquela pontezinha que havia lá (que depois era uma ponte boa)...

[Informante 2 (PA):] – Ainda sei um verso seu!

[Informante 1 (EP):] – Encontrámo-nos ali...

[Informante 2 (PA):] – Sei um versozinho seu.

[Informante 1 (EP):] – Demos em conversar e a dizer poesia um ao outro e à meia-noite ainda lá 'tamos os dois! É uma história. Isto uma história aconteceu comigo!

[Informante 2 (PA):] – Ainda sei um versozinho seu!

[Informante 1 (EP):] – ãh?!

[Informante 2 (PA):] – Ainda sei um versozinho seu!

[Informante 1 (EP):] – E então.. E atão, pronto... O Abel...O Abel era um poeta! Eu tenho...Eu sei motes do Abel... Tem uma coisa! Ele, uma vez, a contar...

[Informante 2 (PA):] – Desculpe lá, o mote que eu sei seu...

[Informante 1 (EP):] – Diga...

[Informante 2 (PA):] – É:

*Ó Eusébio, vai-te embora
e não faças de mim visita,
que eu sou feia, mal feitosa,
e vai prà outra que é bonita!*

[Informante 1 (EP):] – Na' é bem assim, mas é quase!

[Informante 2 (PA):] – É sua.

[Informante 1 (EP):] – E atão é uma – isto é a resposta ao senhor.

Entrevistador: – Sim, sim.

[Informante 1 (EP):] – Esta terra, este concelho e o concelho de Santiago. Era. Um concelho... Que foram os dois sempre privilegiados em poetas populares. O me' pai, por exemplo, era um poeta igual, distinto! O Mariano(?) da Rosa, o *Xico Catulo*(?), o, o... Isto é, isto é já mais... O Vitorino Baptista, os Malhadaires, esta ente toda... Isto é tudo poetas populares, mas bons!

[Informante 3 (HLP):] – E aquele que era lá de Santiago: o Doroteia...

[Informante 1 (EP):] – Era o Doroteia, era o Toino Ralo... Era aquela gente toda... Até, eu até gostava muito de ouvir... O Pardal e o Doroteia eram os dois do mesmo tempo...

[Informante 3 (HLP):] – Eram do mesmo tempo.

[Informante 1 (EP):] – Da me'ma idade e tal e, claro, coitados, não morreram logo. Ficaram os dois velhos. E o Pardal (não) adoeceu e não podia ir à casa do Doroteia. E o Doroteia tinha um filho que fazia o correio pa' Santiago do Cacém – numa bicicletezinha a pedal passava à porta do Pardal, que era no Azinhal – e atão fez uma cantiga (e eu gosto muito de ouvir e aproveitava aquelas coisas pa' ouvir). E o Pardal sabia que o rapazito passava lá (...) e fez-lhe uma cantiga e mandou (que era neto do Doroteia) que dizia: *Manuel* – o moço chamava-se Manel.

*Manuel, diz ao teu avô
que venha um dia ao Azinhal
ver este meu sofrimento
caminhando pò final.* – Ele 'tava muito doente.

O Doroteia era um outro grande poeta! Era a rivalidades eram aqueles dois, os amigos! A poesia só tem qualidades (...). O outro também já estava velho. E, então, pelo correio lá recebeu a carta e fez uma cantiga e foi lá (que eu também ouvi aquilo e (...))

*Adeus Pardal, como estás?
Na' te sentes melhorzinho?
Eu não te tinha já vindo ver
que tenho *findo o caminho*(?)* – Era também como o outro!

[Informante 3 (HLP):] – Era. Era isso...

[Informante 1 (EP):]

Mas sempre tenho perguntado

*se o Pardal está melhor.
Na' senhora! Está pior.
Todos me têm contado.*

*Tanto dinheiro que tens gastado
e tanta falta que faz.
Aqui há tempos atrás
tinhas uma vida bonita.
E venho-te hoje fazer visita.
Adeus Pardal, como estás?*

Isto é recordar os poetas antigos...

[Informante 2 (PA):] – Pois, pois, pois, pois.

[Informante 1 (EP):] – E o Abel... O Abel morreu há... Sabe há quantos anos é que o Abel morreu?

[Informante 2 (PA):] – Não, não. Na' sei, na' sei...

[Informante 3 (HLP):] – Era lá da minha terra.

[Informante 1 (EP):] – Há setenta! Fez setenta anos em Outubro!

[Informante 2 (PA):] – Fez setenta anos, eu tenho setenta e nove...

[Informante 1 (EP):] – A última vez que o ouvi foi ali na minha casa, que ele veio cá à minha casa. Nunca mais! E ele... Tenho...Tenho motes dele que...

[Informante 2 (PA):] – Pois...Pois eu vou dizer que isto, pronto, o afundamento dos poetas, como 'tamos a falar...

[Informante 1 (EP):] – E atão...

[Informante 2 (PA):] – Quando...Quando morrer...Quando morrer o meu irmão Manel, no Carvalhal, quando ele morrer acabou-se os poetas todos do Carvalhal. Não há poetas!

[Em simultâneo Informante 1 (EP) e Informante 2 (PA)]

[Informante 1 (EP):] – Pois! Sabe isto é uma coisa que com, com... Tem tendência a desaparecer... Tem tendência a desaparecer porque as pessoas (...) eu tenho dois netos (...) fazem umas coisas, ninguém ouve, ninguém (...)

[Informante 2 (PA):] – O mais novo que eu, poeta, eu ouço nem (...) nem de dez, nem doze – nada! Dizer (...) uma poesia qualquer (...) nada, nada! (...) Não oiço (...) um verso (...)

[Entrevistador:] – Tem explicação para isso?

[Informante 1 (EP):] – Mas é pena porque a poesia popular conta a história de uma vida!

[Informante 2 (PA):] – (...) Já não é muito novo, já lá vai para os cinquenta e tal (...)

[Informante 1 (EP):] – De um país, desta mesa... De qualquer coisa... É pena...

[Informante 3 (HLP):] – É pena.

[Informante 1 (EP):] – Que não...Que não seja... Pronto! Tudo tem a sua época e vai passando e tal... [Acaba simultaneidade].

E havia rivalidade nos poetas uns com os outros. Rivalidade de poesia, vamo lá ver. 'Tá a perceber? Que as pessoas... Era, nesse tempo, era o que havia. Praticamente era isso. A gente ia a uma festa...

[Informante 2 (PA):] – Todos faziam as poesias igual.

[Informante 1 (EP):] – A um baile, a uma feira... Havia uma feira aqui em Grândola, que era das melhores, hoje é das melhores mas é em pessoas a andar à roda, não é em cantar(?). Fosse ali, quando era às tantas da noite, em duas ou três barracas estava-se a cantar o fado.

[Informantes 1 e 2 em simultâneo:]

[Informante 2 (PA):] – Fazia muito isso, sim, sim (...).

[Informante 1 (EP):] – (...) Exactamente. Uns diziam, outros cantavam e tal...

[Informante 2 (PA):] – (...) A dar resposta. Pa' dar resposta uns aos outros...

[Fim de simultaneidade].

[Informante 1 (EP):] – E a poesia era igual! Ser do Carvalhal, ser de Santo André, ser de Grândola era a me'ma coisa. Era aquela rivalidade; era entre uns e outros que havia a rivalidade entre os poetas...

[Informante 3 (HLP):] – Há sempre uns melhores que outros, há sempre... Mais concentrados...

[Informante 1 (EP):] – Eu penso que coitado daquele que 'teve que viver às instâncias(?) da poesia...

[Informante 3 (HLP):] – Pois.

[Informante 1 (EP):] – Todos estes poetas – eu 'tou a falar assim porque sou o mais velho que 'tou aqui...

[Informante 3 (HLP):] – Pois, com certeza!

[Informante 2 (PA):] – E tem obrigação disso!

[Informante 1 (EP):] – Com alguma diferença. Esta gente toda que eu aqui estou a falar ninguém vivia de poesia! Era pa' paródia! Era pa' festa! Era pa'... Ninguém fazia poesia pa' ganhar nada, nem pa' cantar, nem pa' nada! Era p' aquela rivalidade que havia uns com os outros e tal e assim. Mas era igual: ser de Santo André, ser de São Francisco... São Francisco era uma terra que era de grandes poetas. São Francisco da Serra era uma terra de grandes poetas.

[Informante 2 (PA):] – E também havia muito era o grande despique.

[Informante 1 (EP):] – Havia o grande despique. Esse (...) já muita gente se metia que não sabia e tal e tal e tal... Mas isso já era um bocadinho diferente, mas que era bem... Se for bem... Se fosse bem cantado era bonito.

[Informante 3 (HLP):] – Era, sim senhor!

[Informante 1 (EP):] – E tinha que se saber! Havia muita gente que não sabia.

[Informante 2 (PA):] – Agora poesias como a gente 'tá aqui a dizer, isto não é para todos...

[Informante 1 (EP):] – As pessoas foram morrendo...

[Informante 2 (PA):] – Não é para todos! Só pra quem...

[Informante 1 (EP):] – Isto foi-se perdendo e realmente... Sabe que eu... Sou tão velho!
[Risos]. (...)

[Informante 2 (PA):] – Dizem, às vezes até dizem assim: – *mas como é que as pessoas metem aquilo na ideia?! – Na cabeça!* (...)

[Informante 1 (EP):] – Um dos grandes artistas deste país, que hoje mais conhecido de todos, foi o António Aleixo. Eu conheci-o pessoalmente e passei noites com ele, 'tá a perceber? Conheci-o pessoalmente. Ele, o António Aleixo, foi um homem que guardou cabras, foi cauteleiro, foi emigrante, fez tudo na vida dele, coitado, e acabou... Isso era um homem, na minha ideia... Mas em cantigas (...) que há aqui uma confusão, em cantigas de quarenta pontos havia muito poeta melhor que ele! Naqueles quatro versos é que ele se destacava! Mas sendo que a cantiga... – Eu na' sei se 'tou a falar demais... Se 'tou a falar de mais...

[Informante 2 (PA):] – 'Tá a falar muito bem, sim senhor!

[Informante 1 (EP):] – Mas a cantiga de quarenta pontos é um bocadinho mais má de fazer do que fazer um verso! É diferente! Porque uma cantiga com quarenta pontos conta a história desta mesa! Conta a história desse aparelho! Conta a história de uma vida! Os quatro pontos na' contam! É uma coisa diferente. Fazer uma cantiga diferente é coiso... E, atão, tem indo acabando, tem indo acabando, mas e é natural que ainda volte, sabe porquê? Porque isto é uma coisa que na' se aprende, nasce com a pessoa. Nasce com as pessoas! E atão, isto já teve várias, várias épocas...

[Informante 2 (PA):] – E depois isto, estas poesias de quarenta pontos a gente faz a uma coisas qualquer que a gente ouça, que a gente veja ou que nos digam a nós! A gente faz aquele apontamento assim!

[Informante 1 (EP):] – A gente sente! Eu... Eu, por acaso, tenho feito muita poesia (sou muito velho, comecei novo), mas... É uma coisa que nasce de repente! Eu vou aí e vejo ali uma coisa – *É pá, isto dava aqui pa' fazer uma poesia...* – Eh! Faço. Ainda hoje ainda faço isso. Mas nunca fui daquelas pessoas de pensar lá em coisas que eu não conheço. Até lá, às vezes, até acontece isso, mas... Eu sou um apaixonado pa' poesia popular. Porque ali na minha região, na mina da Caveira, o me' pai era poeta. Nesse tempo na' havia mais coisa nenhuma!

[Informante 2 (PA):] – Pois, pois.

[Informante 1 (EP):] – O que é que as pessoas se entretinham? Fazer umas cantigas...

[Informante 3 (HLP):] – É. De oito em oito dias fazia uma saranatazita.

[Informante 1 (EP):] – Então, exactamente! E depois os filhos (...) melhor ou pior, ninguém... Eu cá, o pouco que eu sei de poesia, só me tem dado prejuízo! Só! Tenho...É que eu ainda tenho mais uma história diferente da maior parte dos poetas. É porque eu na' bebo! Nunca bebi! Eu nunca bebi vinho nem aguardente. Nunca bebi.

[Informante 2 (PA):] – Não?

[Informante 1 (EP):] – Nada. Nunca bebi! E entretenho-me o mesmo tempo...

[Informante 2 (PA):] – Atão 'Tá tudo guardado aqui! [Põe-lhe a mão na cabeça]. Aí é que está!

[Informante 1 (EP):] – E entretenho-me o me'mo tempo com os outros. Tal e qual! Quando era novo, até uma vez vinha de uma feira de Abelheira(?), chego ali a Vale Seco, fazia muita calor, vou beber um copo de água e na' sei quê ali pô coiso. E 'tavam três indivíduos a dizer poesia. Sentamos aqui. Eu na' conhecia nenhum! Era a casa do Adegas, o sogro do Adegas, desse moço que era *condutor de bicicleta(?)*... Eh! Cheguei ali, fiquei logo... – *Bota aí uma garrafa de vinho aí pa' mesa (...)*. – Mas a gente manifesta...Uma cantiga ou qualquer pessoa e a gente e quando gosta faz assim, quando na' gosta na' faz nada! E eu fiquei de frente pra um, que era o melhor que lá 'tava, mas (na' conhecia) mandei vir uma garrafa de vinho. E apareceu um moço que era me' empregado, numa furgoneta. E aquele que ficou assim de frente de mim, tal é, que esse senhor diz assim:

– *Você também percebe disto!*

– *Na'... Eu bebo a minha garrafa d'água e vou-me embora.*

Diz o meu o empregado assim: – *Sabe, sabe! Diga lá uma das suas!*

Eu já 'tava desejando(?). Isto é um vício como outro qualquer. Sabe o que é que aconteceu? É que no outro dia, à me'ma hora, ainda lá 'tava! [Risos]. A poesia só me tem dado a mim prejuízo! [Risos].

[Informante 3 (HLP):] – E não bebia! E não bebia!

[Informante 1 (EP):] – Eu na' bebia! Eu nunca tive... O Abel Carvalho e o Tio Manel (...) Uma vez ali à do Zé Filipe, que era aquela casa do Zé Ceguinho, juntámos ali, era logo de manhã, eu na' sei como aquilo foi feito! Saímos de lá à meia-noite, que foi quando fechou a porta! Eles 'tavam bêbados, eu bebia café e também não 'tava muito bem! 'Tá a perceber? Mas porque gosto de me entreter, 'tá a perceber? Eu gosto de ouvir as pessoas, cada um tem as suas

ideias, cada um tem...Faço a minha rede. Eu nunca disse cantigas em sítio nenhum por pensar que era melhor q'ós outros, nem pior. Faço aquilo que eu sei fazer. E os outros é a me'ma coisa.

[Informante 3 (HLP):] – É a me'ma coisa.

[Informante 1 (EP):] – 'Tá a perceber? A gente não faz... Bom, mas, se calhar, vou dizer a última.

[Entrevistador:]– Força.»

Eusébio Pereira, Paulatino Augusto e Horácio Luís Pereira, Grândola, Fevereiro de 2007

Entrevista a Eusébio Pereira

→ **Classificação dos Versos:**

- Entrevista.

→ **Assunto:** Entrevista a Eusébio Pereira, com a intervenção de Paulatino Augusto e Horácio Luís Pereira (poetas) sobre a poesia popular em concelhos do Alentejo.

→ **Palavras-chave:** álcool, amizade, azinhal, baile, beber, cantar, cantiga, cantigas de quarenta pontos, carvalho, casa, convívio, desafio, desaparecimento, despique, dizer poesia, entretenimento, fado, feira, festa, final, Grândola, histórias, horas, horas, inspiração, meia-noite, mina da caveira, mote, ouvir, paródia, poetas populares, prejuízo, recitar, rivalidade, saber, Santiago do cacem, santo André, serenata, taberna, talento, versos

→ **Região:**

- **Região:** Alentejo Litoral
- **Distrito:** Setúbal
- **Concelho:** Grândola
- **Localidade:** Grândola

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Eusébio Pereira
- **Data de nascimento:** 23/11/1915
- **Intervenientes:** Paulatino Augusto (25/01/1929) e Horácio Luís Pereira (27/10/1934).

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 19 de Fevereiro de 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Local de filmagem:** Biblioteca Municipal de Grândola (Grândola)
- **Montagem de vídeo e Web design:** José Barbieri
- **Agradecimentos:** Biblioteca Municipal de Grândola (contacto Cristina Bizarro).
- **Duração:** 0:015:22

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Março de 2011
- **Palavras:** 2.462

→ **Versão literária:**

- **Execução:** sem versão feita (só transcrição literal e ficha).